

O conceito de identidade na semiótica do discurso: anos 1960 a 1980

Clarice Almeida dos Reis, orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela, Câmpus da Unesp de Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras, clarice.almeida@unesp.br, bolsa PIBIC-CNPq.

Palavras-chave: *semiótica do discurso, sociossemiótica, historiografia*.

Introdução

Os anos de 1960 a 1980 foram o período de formação da semiótica do discurso, também conhecida como Semiótica Francesa ou Semiótica da Escola de Paris, disciplina que teve como principal idealizador o lexicógrafo lituano Algirdas Julien Greimas. Na semiótica, tanto em sua dimensão narrativa quanto em sua dimensão discursiva, encontramos com frequência o conceito de identidade, que também está presente em outras teorias do discurso e disciplinas das humanidades, adquirindo diferentes significados, de acordo com seus diversos contextos de emprego. A presente pesquisa busca analisar como foi tratado o conceito de identidade na semiótica discursiva no período que vai de 1960 a 1980, adotando, para tanto, uma base metodológica historiográfica.

Objetivo

O objetivo geral do trabalho é fazer um levantamento bibliográfico e uma análise crítica de textos que tratem do conceito de identidade na semiótica discursiva. Temos ainda dois objetivos específicos: 1) Entender e evidenciar qual é, nos textos analisados, a dimensão discursiva das identidades; 2) Compreender como se dá historicamente a análise semiótica da dinâmica narrativa das identidades.

Material e Métodos

A metodologia adotada para produção do trabalho baseia-se em uma análise de uma produção bibliográfica em um dado período, sendo assim uma metodologia historiográfica, com base na Historiografia Linguística, especialmente, de K. Koerner, P. Swiggers e C. Altman. Os materiais utilizados para análise serão textos acadêmicos (artigos, dossiês, livros, dissertações, teses, etc) de autores da semiótica discursiva.

Resultados e Discussão

A pesquisa está no início, portanto não obtivemos resultados importantes. Por ora, identificamos que há certas discussões relevantes que trazem problemas de fundo tanto da historiografia da semiótica quanto do tratamento do conceito de identidade na teoria. Como, por exemplo, a nítida exclusão da semiótica no que diz respeito à historiografia linguística tradicional. Segundo Portela, “essa exclusão do pensamento discursivo ou semiótico do campo da historiografia linguística pode ser considerada como uma omissão “natural”,

pois os pioneiros da historiografia linguística não teriam por que ampliar seu campo de interesse para assuntos de que não tratam ou não reconhecem a científicidade.” (PORTELA, 2018, p. 139)¹. Sendo assim adotamos a “omissão natural” como problemática a ser compreendida no contexto dos estudos historiográficos. Uma segunda discussão importante diz respeito ao próprio conceito de identidade para a semiótica francesa e sua importância na leitura das narrativas e dos discurso, ainda que seja discutido sempre em termos metodológicos mais abstratos, sem tratamento social. Para Greimas e Courtés, “o conceito de identidade, não definível, opõe-se ao de alteridade (como ‘mesmo’ a ‘outro’), que também não pode ser definido: em compensação, esse par é interdefinível pela relação de pressuposição recíproca, e é indispensável para fundamentar a estrutura elementar da significação” (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 251)². Vemos que os próprios precursores da teoria reconhecem a indefinição do conceito, o que nos motiva a observar nos próximos passos da pesquisa como eles trabalharam com a identidade no período desejado que pretendemos analisar e como outros pesquisadores compreenderam o conceito de identidade, que, *grosso modo*, configura uma constância, uma reiteração ou permanência discursiva.

Conclusão

O trabalho encontra-se no início de execução. Até o momento, pudemos verificar que o conceito de identidade, embora central na semiótica, é tratado, geralmente, de modo implícito, não constituindo ele próprio um termo operatório frequentemente citado, mas que, enquanto noção mais geral oferece os contornos de termos-chave para a teoria como sujeito, actante, ator, papel temático, entre outros.

Agradecimentos

O presente trabalho é realizado com apoio do CNPq.

¹ PORTELA, Jean Cristtus. História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores. *Estudos Semióticos*, v. 14, n. 1, p. 138-143, jan. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2018.144317>. Acesso em: 24 de jun. 2021. sesp.br/esse/article/view/144317/138716. Acesso em 15 jun. 2020.

² GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1983.